

A vida em um contexto de morte: uma jovem no Gueto de Varsóvia

Rosana Mirales¹

BAUMAN, Janina. *Inverno na manhã. Uma jovem no Gueto de Varsóvia*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Muito já se escreveu sobre a Segunda Guerra, um dos acontecimentos mais trágicos e inesquecíveis do século XX. O livro *Inverno na manhã* complementa esse acervo e demonstra que, embora muito já tenha sido dito sobre essa guerra, ainda há muito a ser revelado sobre os seus horrores. Janina Bauman os relatou a partir de anotações feitas em diários no período da guerra. Depois de anos, quando voltou no local onde havia guardado os seus diários, reencontrou-os e, após outros anos, resolveu enfrentá-los, transformando-os em emocionante leitura sobre o cotidiano da guerra em Varsóvia. O livro se apresenta de forma agradável, combinando fotos, ilustrações, registros dos diários e informações históricas.

O que pensar sobre uma vivência de guerra quando as ações do Estado, ao invés de proteger a população civil, coloca-a em constante ameaça em um contexto no qual mesmo os supostamente não perseguidos não passam impunes às monstruosidades da guerra?

Jovem descendente de judeus, Janina Bauman nasceu em Varsóvia e relatou através dos seus escritos a resistência e a fuga dos horrores da guerra. Com clareza, contou quando o seu bairro residencial se transformou em gueto, a rua em destruição e o dia-a-dia, tomado pelo medo, não conseguiu mais viver a sua rotina.

O cotidiano da jovem Janina e de seus familiares foi apresentado no livro, principalmente através da descrição de como ela, sua mãe e irmã conseguiram sobreviver à Segunda Guerra Mundial. Os detalhes presentes na forma como narra cada uma das situações, recheados de conteúdos históricos, possibilitaram a vivência momentânea de emoções variadas. Como não

se emocionar ao ler sobre a criança que foi dopada, colocada em um saco, transportada e enfim salva da morte!

Além de informar sobre a Segunda Guerra e como se deu o conflito na Polônia e em Varsóvia, o livro revelou não só aspectos do significado de ser judia, como também as formas de perseguição aos judeus nesse período. Mostrou o lugar das mulheres na guerra, nas muitas formas de solidariedade, que muitas vezes passaram pela identidade cultural e, em algumas situações, até a transpuseram, como na postura de Maria, a católica trabalhadora da família, ao honrar a confiança que lhe depositavam, durante todo o período de perseguição aos judeus, não poupando seus esforços na contribuição para a sobrevivência dos seus padrões. Outras pessoas fingiam aliar-se aos alemães contribuindo com a captura de alimentos para judeus famintos; outras cederam abrigo para necessitados, independente de sua identidade política e cultural, como uma senhora que acolheu Janina, sua mãe e sua irmã e, em seguida, teve a mesma atitude de solidariedade para com um nazista em fuga no final da guerra.

A luta pela sobrevivência, a defesa da vida e, por ser judia, a incessante busca por ações solidárias, ao mesmo tempo em que amenizaram o sofrimento de Janina, contribuíram com outras pessoas, continuando aquelas atividades até então rotineiras: estudar, plantar, fugir, ser parte da resistência. A lucidez movia a autora de *Inverno na manhã*: “Pouco a pouco minha consciência se tranquilizava pela reconfortante percepção de *estar fazendo alguma coisa por eles*. Só de vez em quando uma súbita percepção da realidade fazia eu me recriminar” (BAUMAN, 2005, p. 63).

Através dos relatos, o leitor poderá perceber como a condição social da existência de cada indivíduo decorre da história e que o ser e a sua consciência são decorrentes das determinações históricas e da busca da liberdade referendadas no trabalho como principal prática social.

De volta do clima romântico para a miséria do mundo ao meu redor, eu me tornava mais e mais acostumada aos horrores do dia-a-dia. Nas ruas, os cadáveres de pessoas mortas de inanição ou pelos tiros dos nazistas não me chocavam mais. Passava por eles no caminho de ida e de volta do trabalho sem prestar muita atenção. O trabalho, conseguido em função de minha arraigada preocupação e piedade, se transformou numa alegria imensa (BAUMAN, 2005, p. 63).

A sua busca por ações efetivas que pudessem contribuir com a amenização do sofrimento de outros lhe proporcionava satisfação momentânea. No entanto, essa

sua sensação participativa proporcionando-lhe uma certa satisfação, a deslocava de uma situação de horror para um prazer e sensação de dever cumprido, mostrando ilusoriamente a força para continuar a existir, numa verdadeira inversão do real.

Por essa capacidade de o livro levar à reflexão, é que apresenta um conteúdo exemplar para se pensar sobre a condição de existência e das necessidades humanas fundamentais, dentre elas a satisfação das necessidades e o exercício da liberdade, bem como os mecanismos derivados, que se movem do real ao oculto, transformando-se em possibilidade de vitalidade e fuga da morte.

Além da condição social de existência como decorrente da história, os relatos da autora mostram que nenhuma condição humana é meramente natural, mas também determinada pelas condições materiais de existência. Ou seja, foi preciso comer e esconder-se para sobreviver, e para isso se moveu, não abrindo mão de nenhum de seus princípios, no caso, o de defesa da vida e de ser judia. Todavia, suas passagens muito difíceis, que exigiam dela respostas concretas, não a levaram a abrir mão de sua ética: a defesa da própria vida e dos seus, de ser judia e aceita socialmente em um contexto nazista.

A vivência relatada por Janina permaneceu no limite da satisfação das suas necessidades básicas, como alimentar, habitar, vestir-se. Porém, se essas necessidades não forem superadas, outras não poderão ser experimentadas.

Assim, a não-vivência de um momento além desse da necessidade, deixa-a presa a uma visão de mundo ilusório, se levarmos em conta àquela aceitação da ideologia que revela e ao mesmo tempo oculta a realidade. Sem possibilidade de uma visão crítica, ela interpreta a realidade pela visão religiosa e é de tal forma imbuída desse misticismo, que parece entrar em êxtase em um ritual católico.

O único recurso possível à consciência naquela condição histórica foi o de inspirar-se na consciência mágica. Nessa passagem do texto, quando as duas irmãs, Janina e Sophie são obrigadas a frequentar rituais católicos para permanecerem no abrigo onde estão, se observou viverem o êxtase, o qual só pode ser entendido como um recurso mental que ao invés de somente ocultar a realidade, possibilitou a elas continuarem em seu processo de resistência aos horrores da guerra e na luta pela sobrevivência. Na situação de Sophie, sua irmã, naquele momento, também experimentou a paixão, pelo padre.

Fundamenta-se agora na forma como Erich Fromm (1967, p. 13 a 29) pensa as necessidades fisiológicas: comer, beber, dormir, proteger-se dos inimigos etc, e as psicológicas como a fuga da solidão, a preservação da moral, capazes

de estabelecer os princípios para a cooperação. Nesse aspecto, no texto de Janina se encontram condições para se verificar questões relacionadas à liberdade, se a entendemos como uma condição para o ser humano tornar-se indivíduo e ao mesmo tempo desejoso de unir-se ao mundo por meio do amor e do trabalho. É necessário considerar que este mesmo movimento também destrói a liberdade e o ser individual, uma vez que, ao exercer atividades, o indivíduo socializa-se e ao realizar a sua liberdade assume compromissos que a restringem.

Como anteriormente, nesse pressuposto também se observou não haver, naquele contexto histórico de fuga permanente, a saída do limite imposto pela superação de necessidades imediatas, ou seja, as fisiológicas. Nessa perspectiva também se identificou o princípio de defesa da vida e o fato de ser judia como a sua referência de sociabilidade, mesmo sendo esta a maior ameaça a sua sobrevivência, já que nenhum indivíduo da família poderia se passar por ariano. Nesse sentido, Janina Bauman demonstrou a busca por mais uma das formas de realização pessoal enquanto ser e quem sabe, de exercitar a busca da liberdade: o de resistir politicamente. Todas as suas tentativas de se incorporar aos grupos de resistência clandestinos foram frustradas.

Um último aspecto a se considerar sobre o seu texto foi que uma única vez se observou que a autora abriu mão de seus valores éticos, no caso, de sua defesa da vida e de ser judia. Ao estar febril, quando a presença da morte se colocou com mais força com relação à vida, para ela, já não importava ser identificada como judia ou cigana. Embora tenha adoecido em diferentes momentos e passado por várias ameaças concretas, não se observaram outros momentos que deixou de ter convicção de sua identidade e de seus valores.

Com essa finalidade de levar à reflexão, o livro apresenta uma história que é um exemplo de valorização da vida em um contexto de morte, por isso merece ser lido, seja para pensar sobre o ser e a consciência ou para aprender historicamente sobre a vitória da vida sobre o horror que foi a Segunda Guerra Mundial: “Os cadáveres vivos dos mendigos sobreviventes do inverno haviam emergido de seus buracos e tocas, tentando aquecer os ossos e implorando penosamente por comida. Mas o céu estava azul ...” (BAUMAN, 2005, p. 53).

NOTAS

- ¹ Aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (doutorado) mirales@uol.com.br

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aulas ministradas pelo Prof. Dr. Evaldo Amaro Vieira. Disciplina Política Social, Programa de Estudos Pós Graduated em Serviço Social, PUC-SP, 2º. semestre 2005.

FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Tradução: Octávio Alves Velho. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 13-29, 1967.

LUKACS, G. *Marxismo ou existencialismo?* Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1979.

MARX, Karl e F. Engels. *A ideologia alemã (I – Feuerbach)*. Tradução: José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 10ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996.